

Notas para um estudo sintáctico da prosa seiscentista (António Barbosa Bacelar)

No capítulo I da obra *Seis calas en la expresión literaria española* (1979), o crítico espanhol Dámaso Alonso sugere que o estudo sintáctico de textos do século XVII, particularmente textos de tendência oratória, poderá colher dividendos de uma investigação em torno das estruturas de coordenação. A favor desta sugestão, atesta o A. uma tendência estilística, ao nível enunciativo, que procede de relações sintácticas da ordem da não-progressão. O exame das relações entre os elementos da experiência revela estruturas de coordenação muito recorrentes, expansões de enunciados por meio da adjução de unidades significativas com função e estatuto idênticos. A expressão "sintagmas não-progressivos" (Id. Ib.: 21 e ss.) traduz, assim, uma escolha dos locutores por procedimentos sintácticos concretizados na coexistência de dois ou mais elementos que mantêm as mesmas relações com o resto da experiência comunicativa. Afora estas expansões, os elementos acrescentados ao enunciado combinam-se de modo progressivo (Id. Ib.: 24) , já que a sua função não aparece noutro elemento pré-existente, como é característico das relações de subordinação.

Os exemplos aduzidos no estudo em referência -enunciados documentados em textos seiscentistas- fornecem o esquema geral do chamado "sintagma não-progressivo":

$$A_1 A_2 A_3 \dots A_n$$

em que a reiteração de A indica a identidade de função sintáctica e os subíndices (de 1 a n) a variação semântica dos membros.

Ao registar como norma da sintaxe seiscentista um facto da coordenação, ainda que apresentando como marca estilística, este breve trabalho de D. Alonso fornece à descrição que Epifânio da Silva Dias faz dos meios de coordenação (1959: 251 e ss.) uma achega quanto às

respectivas estruturas. Enveredando por esta senda, pretende-se fazer a descrição sincrónica das construções coordenadas atestadas em enunciados de um texto - 'corpus' do séc. XVII - a novela *Desafio Venturoso* de António Barbosa Bacelar¹. A análise apresentada visa apenas um aspecto da coordenação, que se abordará com base nos pressupostos teóricos do funcionalismo linguístico, desenvolvido por André Martinet:

- a distinção das unidades mais afectadas pela coordenação;
- a observação do funcionamento de algumas construções que se apresentam pertinentes na sincronia considerada.

Esclareça-se, desde já, que não é nosso objectivo examinar a lista das chamadas *conjunções coordenativas*, nem o falso parentesco semântico que a gramática sugere entre estas e as subordinativas quando chama, a ambas, *conjunções* (vd. André Martinet, 1985²: 135).

A possibilidade de coordenar monemas entre si é um facto da sintaxe consolidado. Já na *Grammatica Philosophica*, Jerónimo Soares Barbosa menciona a existência de "mais que hum sujeito, ou mais que hum attributo, ou muitos sujeitos e attributos ao mesmo tempo" em, por exemplo, "Eu e tu somos amantes, e estimadores da virtude" e, algumas páginas atrás definira o A. as "conjunções Homologas, ou Similares": "as que ligam proposições, que estão na mesma razão humas para as outras" (1830: 350, 364).

Em toda a literatura sobre o assunto, gramáticas normativas ou estudos descritivos, é geral postular que palavras e grupos de palavras aparentados sintacticamente, podem-se coordenar entre si, em nome de um fenómeno de "conformismo gramatical", mesmo que nem sempre constitua regra (Henri Frei, 1982: 228 e ss.). Com alguma flutuação terminológica, as posições teóricas defendem alternadamente a 'ligação de proposições do mesmo tipo', o 'relacionamento de termos ou orações de idêntica função' e a 'construção idêntica', a 'autonomia sintáctica', a 'função comum' dos elementos coordenados. Para o que nos interessa, importa fundamentalmente reter este princípio orientador de algumas das definições recolhidas - a função - , com que se opera em linguística funcional. Segundo esta perspectiva, qualquer elemento que acrescentado a um enunciado desempenha uma função idêntica à de um elemento pré-existente, constitui uma "expansão por coordenação"³, que guarda a sua autonomia e pode assegurar, quando isolada, a integridade sintáctica do enunciado. Confronte-se o que acaba de ser dito com a análise dos exemplos apresentados em Adenda a este trabalho, respeitante ao recenseamento de construções coordenadas documentadas no texto.

Os conjuntos coordenados têm funções sintácticas idênticas às dos sintagmas pré-existentes e mantêm as mesmas relações com os outros elementos do enunciado. Cabe perguntar qual é o processo capaz de detectar esta identidade de funções. Os funcionalistas propõem a técnica de apagamento, isto é, a supressão do elemento pré-existente (e da eventual marca de coordenação), deixando subsistir apenas o elemento acrescentado para assim verificar a estrutura do primitivo enunciado (A. Martinet, 1985^a : 123):

(1) Entre *os confusos penedos e espezas matas* da maior Serra portuguesa...

(1a) Entre *as espezas matas* da maior Serra portuguesa...

(1b) Entre *os confusos penedos* da maior Serra portuguesa...

A utilizar-se este teste³ fica claro que a coordenação não é responsável pela criação de funções sintácticas, antes por um mecanismo de ligações discursivas entre constituintes funcionalmente nivelados no enunciado. Note-se a não-progressão quando se coordenam monemas como (43) *Os passeios, as galas, os extremos, as finezas, os desvelos*, cuja comutação é correlativa da noção de oposição e é apenas em monemas pertencentes à mesma classe paradigmática que se mostra pertinente a relação de exclusão mútua. Para além de funções idênticas, as unidades coordenadas são reconhecíveis porque mutuamente se excluem num ponto da cadeia falada como elementos da mesma classe ou de classes diferentes, mas com parte das suas compatibilidades em comum. A coordenação é apenas um meio de bloquear a oposição entre os elementos susceptíveis de figurarem no mesmo contexto. O conceito hjelmsleviano de "constelação" ('conjunção de duas variáveis sem pressuposição entre si') recobre estes dois níveis da coordenação: entre os elementos coordenados há uma relação de combinação, ao nível sintagmático e de autonomia ao nível paradigmático (L. Hjelmslev, 1984: 49-57). É em conformidade com a característica da não-progressão do enunciado, que Conrad Bureau analisa a coordenação como "facteur d'allongement, alors que la subordination est à la fois facteur de longueur et de complexité" (1976: 69).

O processo de encadeamento discursivo conhece duas possibilidades que lhe estão associadas de modo biunívoco na tradição dos estudos gramaticais: a parataxe e a ligação sindética. Sobre estes conceitos com que se operará, salvaguarda-se o facto de a parataxe pode

também exprimir um nexo de subordinação e faz-se reserva dos casos em que *e*, *ou*, *mas*, ... não pertencem ao paradigma dos coordenantes (Cf. Georges Mounin, 1974: 202 e ss.).

Níveis em que intervém o fenómeno da coordenação

Postulando-se o parentesco das unidades quanto à natureza e à função, a relação coordenativa deve ser sujeita a caução, a saber, o reconhecimento das classes de monemas e das classes sintácticas susceptíveis de se envolverem nessa relação. Na *Syntaxe Générale*, a respeito dos empregos predicativos, A. Martinet diz que "la coordination s'applique au prédicat comme à tout autre élément de l'énoncé (...). Mais elle s'applique aussi à l'ensemble du prédicat et de tout ou partie des éléments qui l'entourent (sujet et expansions)" (1985: 88). Daqui se infere que a expansão por coordenação pode intervir em diversos níveis - o do núcleo predicativo, o de elementos autónomos e dependentes do enunciado, incluindo as expansões por subordinação - e assim afectar qualquer uma das unidades sintácticas fundamentais (monemas e sintagmas autónomos; monemas e sintagmas funcionais; unidades dependentes; modalidades; monemas e sintagmas predicativos). No quadro da frase, a coordenação de dois ou mais predicados, seja como expansão de todo ou de parte do enunciado, deve ser entendida em termos de relação de proposições independentes, cuja autonomia gramatical lhes permite quase sempre, face à regra do apagamento, figurar como frases simples. Deixando, porém, de lado a chamada "coordenação interfrasal" (M^{te} Helena de Moura Neves, 1991: 219), o que se pretende analisar é o conjunto de elementos que constitui expansão de um enunciado pré-existente, isto é, averiguar quais os usos da "coordenação intrafrasal" (Id. Ib.) num texto literário do séc. XVII e quais as unidades mais sujeitas a essa relação por oposição àquelas que maior resistência oferecem.

De entre as várias ocorrências que recenseamos em adenda, nota-se uma resistência à coordenação de monemas gramaticais indicadores de função (monemas funcionais) e de gramaticais especificadores de elementos que acompanham (modalidades). Prova disso é que encontra-se, no 'corpus' analisado, uma só atestação de construções desse tipo e, mesmo assim, um caso a ser observado no domínio da chamada 'gramática dos erros':

(77) *Eu o estou tanto e tão conhecido do muito que vos devo*

A função de determinante comum aos dois advérbios tende a apagar a diferença de estruturas que decorre das compatibilidades características de uma classe de determinantes do verbo e de outra de determinantes do adjetivo. Como este, muitos outros casos, longe de constituírem anomalias acidentais, são, pelo contrário, estruturas frequentes nas línguas (vd. G. Mounin, 1974: 199-201), em nome da economia linguística, regida pela oposição entre "le besoin de brièveté ou économie discursive" e "le besoin d'invariabilité ou économie mémorielle" (H. Frei, 1982: 107 e ss.). Pelo contrário, é já em detrimento deste princípio que o uso económico de construções como *le ou les nouveaux séducteurs, par et pour le peuple, quand et comme je voudrais* conhece uma fraca motivação sintáctica no texto em análise. Não dispomos de dados para considerar este tipo de coordenação periférico na sincronia que o texto representa. É certo que as classes de monemas gramaticais hierarquizam-se quanto à frequência e ao grau de aceitabilidade de estruturas coordenadas. Se umas são permeáveis à relação, outras revelam-se interditas ou de uso relativamente marginal e dependente da capacidade coordenativa do conector. Os exemplos anteriores oferecem uma resposta positiva para as classes de preposições e de conjunções subordinativas, enquanto os monemas coordenativos só admitem idêntica relação em usos metalinguísticos. No que respeita a algumas classes de modalidades, *ou* e todas as disjuntivas verbais e adverbiais parece serem os conectores preferenciais na relação *determinante - déterminante*, já que admitem as variações em número e género dos conjuntos, apresentados como alternativas. É exactamente devido ao conteúdo alternativo, que a coordenação adversativa de classes de modalidades como os artigos e certos pronomes adquire também maior grau de aceitabilidade quando é actualizado o sentido exclusivo de *mas*, sempre que combinado com um elemento de negação, ao invés do seu valor não exclusivo (sobre estes valores, vd. Marianne H. Haff, 1987: 100--103). De um modo geral, vários autores atestam que todos os monemas gramaticais são refractários à coordenação e Marianne Haff sugere-o, aliás, quando, fazendo o estudo do fenómeno no francês contemporâneo não literário, confessa que algumas dessas classes "sont peu ou pas représentées dans le corpus de base [revistas e jornais] et il a fallu compléter les exemples authentiques par des exemples forgés, ces derniers étant toujours pourvus de la réaction des informants" (Id. Ib. : 195).

Comparando o que hoje se pode observar com os resultados da análise do nosso 'corpus', verifica-se que a situação não varia, a não ser por excesso na escassez de dados: donde se infere a preferência pela coordenação de monemas lexicais, combinados em sintagmas simétricos. As

classes de nomes, adjectivos e verbos, mais disponíveis à coordenação, constituem inventários abertos que permitem diversificar a arte de escrever, empenhada no cumprimento dos atributos básicos do século, o engenho, o ornamento, a recreação, com que se intenta a sobrevalorização do expressivo. É próprio da literatura da época o empoamento discursivo, de tal modo que, seja a pretexto de que assunto for, sobrecarregam-se factos da experiência como simples amostra de erudição lexical. A adjectivação serve particularmente este fim. Mas também a técnica dos processos enumerativos e a das acumulações, que se repetem insistentemente como hábito formalista na poesia de seiscentos (M^{te} de Lourdes Belchior, 1959: 172-183), constituem recursos perifrásticos, dispendiosos do ponto de vista sintagmático. Assim se compreende que seja privilegiada a coordenação de unidades lexicais, cada uma correspondente a um facto da experiência específico, compatíveis com monemas funcionais e especificadores, estes exercendo uma acção centrípeta, os primeiros, elementos de ligação, uma acção centrífuga.

A presença destes monemas contíguos e das referidas tendências estilísticas têm outras implicações do ponto de vista sintagmático. É que a coordenação ocorre preferencialmente entre sintagmas, sintagmas dependentes e autónomos, quer dizer, dependentes relativamente ao lugar que ocupam no enunciado e autónomos graças às suas próprias características semânticas ou à presença de um indicador de função. Se a autonomia confere aos monemas certas latitudes de construção sintáctica, já a pertinência de posição vincula-os a uma ordem sequencial. Ora, os factos da linearidade não são alheios à diferença de ocorrências que se observa entre a coordenação de sintagmas autónomos (alínea a) da Adenda) e a de sintagmas dependentes (alínea b) da Adenda). A motivação que conduz à escolha da expansão de um ou de outro dos sintagmas combina-se com a escolha que os locutores fazem de um tipo de relação sintáctica, ou seja, de uma forma pela qual os segmentos linguísticos expressam a sua função. Sabe-se que a ordenação linear é sobretudo utilizada para indicar as expansões obrigatórias e muito frequentes, como o sujeito e o complemento directo, em torno do predicado. Nestes casos, em que a ordem é responsável pela atribuição das duas funções, as possibilidades de expansão por coordenação do enunciado ficam limitadas à posição dos elementos dependentes. Como eles, a função das expansões é indicada pelas suas posições em torno de um núcleo identificável como tal. Nas ocorrências de b), todas as expansões constituem adjunções a sintagmas dependentes, o que invalida a possibilidade de desempenharem as mesmas funções noutra ponto dispar do enunciado, a não ser que o contexto confira alguma liberdade de posição aos elementos pré-existentes.

Mas há um meio de assegurar certa liberdade na ordenação dos segmentos linguísticos: o recurso ao uso de monemas funcionais ou de monemas cujo sentido inclui a sua função, para o desempenho sobretudo de funções não específicas, as mais sujeitas a expansões por coordenação. Como diz A. Martinet, "de um modo geral, os locutores não se satisfazem com a simples enunciação de um facto empregando um predicado actualizado", mas indicam outros elementos da experiência correspondentes a qualidades, a circunstâncias, a participantes, etc. (s.d. : 101). A tradição chama-lhes *complementos*, isto é, determinações não obrigatórias de um núcleo, que, do ponto de vista funcional, são expansões autonomizadas por um dos dois processos acima referidos. Ora, é nestas expansões que com maior frequência ocorre a coordenação, através da adição de novos elementos da experiência, estruturados de forma simétrica à do sintagma pré-existente. Os monemas funcionais revelam-se recursos económicos para, sem alterar a relação sintáctica, exprimir múltiplos aspectos da natureza humana. Vejam-se, entre muitos outros, os exemplos (3), (4), (20), (33).

É frequente interpolar no enunciado vários sintagmas autónomos coordenados, cuja deslocabilidade permite, aliás, jogar com os pontos de incidência e, inclusive, com eventuais ambiguidades em nome do hipérbato, tão ao gosto da época.

Resta observar que a expansão por coordenação pode afectar o predicado ou todo o enunciado, da mesma maneira que qualquer outra das unidades sintácticas até agora referidas, as funções de *sujeito*, as específicas de *objecto directo* e de *objecto indirecto*, e as facultativas de lugar, tempo, modo, etc. Como atrás dissemos, é ainda no quadro da frase que o fenómeno ocorre, com mais frequência aplicado ao enunciado. Neste caso, o inventário das possibilidades revela-se muito vasto, já que é de contar com a capacidade coordenativa dos tipos de frase e com múltiplas combinatórias das várias estruturas de subordinação (cf. Marianne H. Haff, 1987: 172-192).

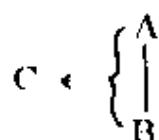
Para verificar quais as estruturas de coordenação mais frequentes na sincronia considerada, é necessário formalizar a descrição dessas construções no plano sintáctico. Nota-se que as expansões por coordenação afectam sintagmas cujos monemas se relacionam de modo diferente. Descrevem-se em seguida essas relações em termos formais, utilizando o sistema formal proposto por Martinet (1985 : 144 e ss.) e dois tipos de relações que o A. retoma das funções hjelmslevianas:

- coordenação (A - B): a presença de um dos dois elementos (A e B) não pressupõe a do outro;
- determinação (A < B): a presença de um elemento (B) pressupõe a de outro (A), mas não o inverso.

1. A ——— B

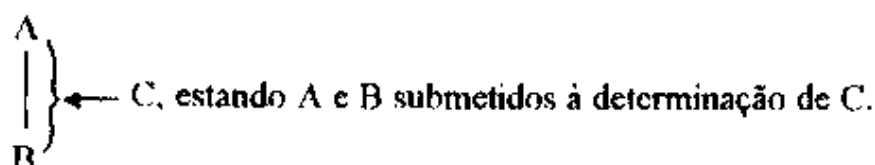
A e B, unidades dependentes ou autónomas coexistem sem pressuposição entre si. Cf., entre os exemplos arrolados, (4), (12), (40). Do ponto de vista das relações com o contexto, a função é assegurada, nestes casos, ora pela posição (40), ora pelos monemas funcionais *com e por*, em (12) e (4).

2.



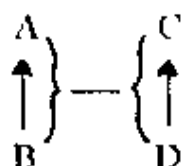
Há uma relação unilateral entre dois determinantes lexicais coordenados e um monema determinado. A e B, em relação de coordenação, apresentam a função paralela de determinantes do núcleo C. O estatuto marginal de A e de B decorre das suas funções secundárias no enunciado, uma vez que a eficácia comunicativa lhes chega por intermédio do monema que determinam. Nos exemplos (6), (7), (13), as formas de determinação diferem. Em qualquer um dos casos, porém, os segmentos coordenados têm em comum a propriedade sintáctica de serem expansões e, por outro lado, determinações de um nome.

A formalização da determinação num contexto de funções paralelas conhece outras especificações consoante a natureza da relação sintáctica. Assim, a coordenação pode ocorrer não ao nível dos determinantes, mas dos núcleos:



3. A coordenação de monemas relacionados por determinação é outro processo sintáctico disponível de que os escritores seiscentistas abusaram. Dir-se-ia que, a verificar-se uma espécie de alternância sintáctica entre os processos de coordenação atrás descritos e o que agora se

apresenta, as escolhas recairiam preferencialmente sobre este último, a expansão por coordenação de sintagmas cujos monemas se relacionam por determinação, sem dispensa da simetria de construções. É o que acontece em (1), (3), (10), (14), (20), (26), por exemplo. Adaptando a estas estruturas a representação gráfica da coordenação, teríamos:



sendo A e C os núcleos dos sintagmas coordenados; B e D os determinantes que constituem expansões de lexemas não predicativos. Note-se que, em algumas destas determinações, faz-se uso de meios estilísticos que dificultam a determinação do ponto de incidência e concomitantemente de B e de D. Acontece com a substantivação dos adjetivos *doce* e *destro* (26); e com a transferência de classe dos adjetivos verbais *apressado* e *assustado* (3) e do adjetivo *sereno* (10). Estes são monemas autónomos graças ao seu significado, enquanto que, nos respectivos enunciados, constituem monemas dependentes autonomizados por um indicador de função.

Adenda

Níveis em que intervém o fenómeno da coordenação

a) Sintagmas autónomos

(1) Entre os confusos penedos e espesas matas da maior Serra portuguesa	(ll. 5,6);
(2) rio de pensamentos amorosos e de saudades namoradas	(ll. 9,10);
(3) no apressado do passo e no assustado do semblante	(ll. 10,11);
(4) e já pela dureza, pela altura e pela idade	(ll. 41,42);
(5) sem acordo o juízo mais acertado e sem pulsos o coração mais animoso	(ll. 25,26);
(6) O sítio fragoso e deserto testemunhava	(l. 92);
(7) a confusão dos ventos e das nuvens acrescentava	(ll. 94,95);
(8) já trocadas em suspiros, já afogadas em lágrimas	(ll. 117,118);
(9) ora com seus cuidados, ora com os alheios	(ll. 150,151);
(10) no sereno do rosto e na disposição do talhe	(ll. 172, 173);
(11) em um deserto sem rastro de caminho ou vista de lugar	(ll. 183, 184);
(12) acenando-lhe com os braços e com a voz	(ll. 241,242);
(13) Pais Portugueses, e nobres	(l. 308);
(14) parti para aquele laberinto de edifícios, aquele epílogo de grandeza	(ll. 333, 334);
(15) fugia da Morte ou da Prisão	(l. 338);
(16) Ufano e quase louco de minha ventura	(l. 380);

(17) com mil requebros amorosos e mil suspiros brandos	(II. 436,437);
(18) depositado na alma e preso entre os corações do silêncio	(II. 537,538);
(19) entre os respeitos do Amor e da Amizade	(II. 551,552);
(20) recorria às turbações do desmaio, à fuga da Serra, à temeridade das feridas e às cautelas	(II.642-644); (I. 645);
(21) Carlos, confuso e enbebedido	(II. 708,709);
(22) mudou de parecer e de caminho	(II. 711,712);
(23) em cuja disciplina militar, escola de esforço e exame de valentia	(II. 716,717);
(24) chegou àquele Labirinto de rochedos, àquele arrimo das Estrelas	(II. 741,742);
(25) com os olhos nas Boninas e com o pensamento em seus cuidados	(II. 811,812);
(26) Namorou-se (...) da doçura da voz e da destreza do instrumento	(I. 832);
(27) venerável na presença e severo no vulto	(I. 834);
(28) ajoalhada a seus pés e debulhada em lágrimas	(I.841);
(29) naquele estado e triste espectáculo	(II. 841,842);
(30) Suspenso e quase em êxtasis	(I. 860);
(31) sem gosto e sem ...	Ol. 877,878);
(32) fiado no ilustre de seu sangue e no poderoso de suas riquezas	(II. 881-883);
(33) ou por conveniências próprias, ou por simpatia de Estrelas, ou por destino de sua Fortuna	(II. 950,951);
(34) com lágrimas e com arrependimento	(II. 964,965).

b) Monemas e sintagmas dependentes

(36) Não gozava (...) luz algũa, nem esperança	(II. 20,21);
(37) pisava sombras e assombros,	(I. 34);
(38) ameaçava a naufrágios [ao Peregrino], e inundações [ao Zêzere, ao Alva e ao Mondego]	(II. 48-50);
(39) tributar espíritos [à morte], mas não rogos [à Fortuna]	II. 69,70);
(40) a hora, o lugar, a eleição da noite	(II. 93,94);
(41) testemunhava seus poucos anos a sua boa qualidade	(II. 173,174);
(42) apressar o passo e o remédio ao ferido	(II. 242,243);
(43) Os passeios, as galas, os extremos, as finezas, os desvelos	(II.352,353);
(44) Os males e os bens sempre vieram	(I. 389);
(45) nem hũa vista afeiçoada, nem hũa atenção amorosa	(I. 398);
(46) consultam minha obediência e não minha Afeição	(II. 407,408);
(47) dado fim a seu canto, e não a suas lágrimas	(II. 787,788);
(48) tua nobreza e piedade me facilita	(I. 871);
(49) deixou a Felício confuso e a Lucinda entre suas lágrimas	(II. 928,929).

c) Núcleo predicativo / Núcleo predicativo e expansões

(50) ou ia em seguimento de algũa Fortuna (...) ou fugia de sua própria Fortuna	(II. 12,13);
(51) Caíam as sombras, alevantavam-se as nuvens	(II. 16,17);
(52) Soltaram-se as prisões aos Ventos, e cresceram assombros à noite	(II. 43,44);
(53)Arma-te (...) e pede socorro	(II. 70,71);
(54) martirizava seus desejos e estragava as pontualidades	(II.111,112);
(55) As queixas soavam mais alentadas e hũas razões mais distintas	(II.116,117);
(56)fazer companhia a meu tormento e dar novas lições de rigor a minha Fortuna	(II.120,121);
(57)caduca sombra, seguirei tuas pisadas, errante espírito, tomarci conta de teu proceder infame	(II. 132-134);

(58) a confusão da noite desacertava o maior tino, e desanimava o maior acerto	(ll.142,143);
(59) começaram a fugir as nuvens, a raiar os Montes e os pássaros (...) a entoarem as músicas chansonetas	(ll. 153-155);
(60) era hũa piedade inútil, ou não sei se hũa tirania piedosa	(ll. 188,189);
(61) Cobrou alento o Ferido, perdeu as forças o mal	(l. 271);
(62) Ille assistita piedoso e o animara brando	(ll. 273,274);
(63) eu a accito como dívida com que me penhorais, e não como paga com que me satisfazeis	(ll. 297,298);
(64) Meu nome é Carlos, meu exercicio o da caça (...), meus anos vinte, minhas Disgraças infinitas	(ll. 310-313);
(65) falar ao descuido a hũa pessoa e referir-lhe partes de puro artificio	(ll.365,366);
(66) Soube Lucinda (...) lisonjear, ou afagar	(ll. 360,361);
(67) comecei a pedir alvissaras a meu desejo, a dar os parabéns a meu cuidado	(ll.380-382);
(68) Sentiram-no os Amigos na alegria, os Pagens nas galas	(ll. 386,387);
(69) Queria-lhe bem e dei-lhe crédito	(ll. 441,442);
(70) Recolheu-se Carlos a seu aposento e Felicio a seus cuidados	(ll. 633,634);
(71) como Carlos havia pretendido e alcançado os favores	(ll. 639,640);
(71) Resolvet-se e executá-lo tudo foi o mesmo	(l. 656);
(72) tratou de antecipar a sesta e deter-se um pouco	(ll. 721,722);
(73) começou a travar-se a Pendência e a soarem os golpes	(ll. 994,995);
(74) arrancando a espada e ofendendo ao contrário	(ll. 999,1000);
(75) deixando cair a espada e deitando-se a seus pés	(l. 1004);
(76) Lograram Felicio e Lizarda o prémio de seus trabalhos, Carlos e Ângela o principio de suas venturas	(ll. 1042-1044).

d) Modalidades

(77) Eu o estou tanto e tão conhecido do muito que vos devo	(ll. 283,284).
---	----------------

Notas

¹ António Barbosa Bacelar é um poeta da primeira metade do séc. XVII (n. 1610, m. 1663), cuja obra está, em grande parte, inédita. Para o texto agora em estudo, datado de 1644 na versão do Ms. 1396 (fls. 204r - 226r) da Biblioteca Pública Municipal do Porto, seguimos a edição organizada e prefaciada pela Prof^a. Doutora Ana Hartherly. Cf. António Barbosa Bacelar, *Desafio Venturoso*, organização e prefácio de Ana Hartherly, Assirio e Alvim, Lisboa, 1991.

² São várias as obras onde o conceito tem expressão teórica. Salientamos apenas dois desses trabalhos, do mais geral em teoria do funcionalismo linguístico (André Martinet, 1985^a), ao mais específico em matéria de sintaxe (A. Martinet, 1985^b).

³ Segundo Marianne Hoback Haff, certas construções coordenadas resistem à aplicação desta prova. Os casos de concordância de número entre o predicado e o sujeito, conjunto plural expresso pelo conector *e*; de elipses no conjunto que constitui a expansão por coordenação; ou, ainda, da expressão alternativa por meio de advérbios (*já, ora*) e de formas verbais (*quer, seja*), são alguns dos exemplos apresentados pela A. para justificar o carácter interrogativo que afecta ao título do ponto 3.2.3. "L'épreuve d'effacement - un test opératoire pour identifier les coordonnants?" (1987: 74 e ss.). Deixa-se para uma próxima oportunidade a justificação da resposta afirmativa que daríamos a esta questão.

* Utilizamos os exemplos apresentados por G. Mounin e Marianne H. Haff nos estudos já citados (cf. p. 197 e pp. 198 e ss., respectivamente), recolhidos na língua falada e em textos impressos

* Assinala-se, entre parêntesis, sintagmas autónomos também coordenados.

Referências bibliográficas

- Alonso, Dámaso e Bousoño, Carlos (1979), *Seis calas en la expresión literaria española*, 4ª ed., 1ª reimp., Ed. Gredos, Madrid.
- Bacelar, António Barbosa (1991), *Desafio Venturoso*, Org. e prefácio de Ana Hatherly, Assírio e Alvim, Lisboa.
- Barbosa, Jerónimo Soares (1830), *Grammatica Philosophica da Língua Portuguesa*, Tipografia da Academia Real das Ciências.
- Bureau, Conrad (1976), *Linguistique fonctionnelle et stylistique objective*, PUF, Paris.
- Dias, A. Epifânio da S. (1959), *Syntaxe Histórica Portuguesa*, 4ª ed., Liv. Clássica Editora, 1ª ed., 1918, Porto.
- Erci, Henri (1982), *La Grammaire des fautes*, Réimpression de l'édition de Paris - Genève, 1929, Slatkine Reprints, Genève - Paris.
- Hall, Marianne Hoback (1987), *Coordonnants et éléments coordonnés*, Didier Érudition, Paris.
- Hjelmslev, Louis (1984), *Prolegomènes à une théorie du langage*, Éd. de Minuit, Paris.
- Martinet, André (1985^a), *Elementos de Linguística Geral*, Trad. port. de Jorge Morais Barbosa, Liv. Sá da Costa, Lisboa.
- (1985^b), *Conceitos Fundamentais da Linguística*, trad. port. de Wanda Ramos, Ed. Presença, Lisboa, s.d.
- (1985^c), *Syntaxe Générale*, Armand Colin, Paris.
- Mounin, Georges (1974), "Le problème des critères d'analyse dans la description linguistique fonctionnelle: la coordination", in *De la théorie linguistique à l'enseignement de la langue*, dir. por Jeanne Martinet, PUF, Paris.
- Neves, M^{te} Helena de Moura (1991), "O estatuto das chamadas conjunções coordenativas no sistema do português", in *Actes du XVIII^e Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes*, Dieter Kremer, Trier, 1986.
- Pontes, M^{te} de Lourdes Belchior (1959), *Itinerário Poético de Rodrigues Lobo*, Pub. da Faculdade de Letras, Lisboa.